



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CAMPUS LARANJEIRAS
DEPARTAMENTO DE DANÇA

LARISSA LIMA DE JESUS

**O K-POP QUE ME TROUXE ATÉ AQUI: as motivações dos
dançarinos de K-pop pela procura na formação superior em
Dança**

Aracaju - Sergipe
2025

LARISSA LIMA DE JESUS

**O K-POP QUE ME TROUXE ATÉ AQUI: as motivações dos
dançarinos de K-pop pela procura na formação superior em
Dança**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao curso de Licenciatura
em Dança da Universidade Federal
de Sergipe como pré-requisito parcial
para conclusão do curso.

Orientadora: Pra. Dra. Jussara da
Silva Rosa Tavares

Aracaju

2025

Larissa Lima de Jesus

**O K-POP QUE ME TROUXE ATÉ AQUI: as motivações dos dançarinos de
K-pop pela procura na formação superior em Dança**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Dança da
Universidade Federal de Sergipe como requisito parcial à obtenção do grau de
Licenciada em Dança.

Aprovada em ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dr^a. Jussara da Silva Rosa Tavares (Orientadora)
Universidade Federal de Sergipe (UFS)

Profa. Dra. Edna Maria Nascimento
Universidade Federal de Sergipe (UFS)

Prof. Ms. Sidney Leandro de Oliveira
Secretaria de Estado da Educação de Alagoas

Aracaju – SE

2025

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus por ter me dado força e coragem de chegar até onde estou, e ter me dado as oportunidades e meios para isso.

À minha família, especialmente à minha mãe e irmã por todo apoio nesses últimos anos de graduação. Aos meus amigos que vibraram comigo em cada momento de conquista nesse processo.

À Universidade Federal de Sergipe, e em especial ao Departamento de Dança. Agradeço pela oportunidade de formação, pelos aprendizados construídos ao longo do curso e pelos encontros que contribuíram para minha construção enquanto artista, educadora e pesquisadora.

À minha orientadora, Profa. Dra. Jussara da Silva Rosa Tavares, por encarar junto comigo essa última etapa, além de todo conhecimento que me deu enquanto professora, fazendo de mim não só uma boa profissional, mas também uma pessoa melhor.

À banca examinadora, por aceitar fazer parte desse momento tão especial para mim.

Aos professores, por todo cuidado, apoio, conhecimento e cada momento especial que deixou o período de graduação ainda mais leve.

Aos colegas de curso, por estarem comigo em toda essa jornada, partilhando também suas vivências e desafios.

À todas as pessoas que contribuíram para esse momento estar acontecendo e por fazer parte, nem que só um pouco, tenha feito parte da minha história dentro e fora da universidade. Obrigada!

Apresentação

Era uma vez... Que jeito clichê de começar uma história, não é mesmo? Mas tudo bem: todas as boas histórias (ou quase todas) começam assim, e espero que esta seja mais uma delas. Então tá! Prontos ou não, lá vou eu!

Era uma vez, em uma pequena cidadezinha da grande Aracaju (Nossa Senhora do Socorro), morava uma garotinha loira, de olhos claros, vinda de uma família de artistas (avó costureira, mãe e irmã artesãs). E ela? No momento, cheia de sonhos. O maior deles? Participar de todas as apresentações que envolviam dança no Centro Educacional Futuro Certo, onde estudou até o 3º ano do Ensino Fundamental. Foi lá que lhe atribuíram a responsabilidade (diria que muito grande para uma criança de 7 anos) de criar e liderar uma coreografia para a apresentação do Dia das Mães. Ela ainda não sabia, mas aqueles adultos — seus professores — já enxergavam o potencial que havia nela, quando a própria ainda nem sequer fazia ideia.

Entre o 4º e o 5º ano do Ensino Fundamental, agora em uma nova escola, ela se viu frustrada. Era uma pequena escola, próxima à casa de sua avó, em Aracaju, no bairro Siqueira Campos, que mal possuía espaço (na verdade, não tinha) para aulas de Educação Física, quem dirá de dança. Ela imaginava que ali não teria liberdade para praticar seu hobby, e isso a entristecia profundamente.

No entanto, graças a alguns professores que, de alguma forma, tentavam trazer a Arte para aquelas crianças em formação, ela conheceu o filme *Cisne Negro*, dirigido por Darren Aronofsky, a partir de um roteiro de Mark Heyman, John McLaughlin e Andres Heinz (2010). Assim como a personagem Nina, que, no momento em que alcança o ápice da perfeição em sua performance, fecha os olhos, a pequena garotinha loira também os fechou e se permitiu imaginar naquele cenário em que se apresentava perfeitamente para um público, sendo aplaudida com fervor. Porém, com um leve empurrão de uma colega de turma,

voltou à realidade enquanto ensaiavam uma coreografia para algo de que ela já nem se recordava mais, mas lembrava ser importante.

Depois de quatro anos, e após passar por mais uma escola, enfim chegamos a 2017: o ano que mudaria sua vida. A então não mais garotinha, agora com 13 anos, conheceu, por meio de sua irmã mais velha, um gênero musical que teria um grande impacto em sua trajetória.

Não se sabe ao certo quando isso aconteceu; lembra-se apenas de dizer à irmã que não aguentava mais ouvir as mesmas músicas, como *Blood Sweat & Tears* e *DNA*, que acabara de descobrir. Dizia que eram insuportáveis e muito ruins. No entanto, em certo momento do dia, sem perceber, estava murmurando aquelas mesmas músicas “chatas” e reproduzindo os movimentos que, vez ou outra, sua irmã fazia logo após assistir a um tal de MV, que mais tarde ela descobriria significar *Music Video*. Como uma cobra sorrateira, esse gênero foi, aos poucos, caindo no gosto da menina. Começou a influenciar seu comportamento, seus desejos e até seu jeito de agir. Era algo extremamente chiclete, que entrou em seu coração mais rápido do que imaginava.

O pop sul-coreano, ou K-pop, fez mais do que ser apenas um gênero musical: ajudou-a a decidir que dançar não seria mais um hobby, mas sua profissão.

A garotinha, a menina, agora mulher, colocou em prática aquilo que seus professores do 3º ano do Ensino Fundamental já haviam previsto desde aquela época. Foi em busca de profissionalizar sua maior habilidade: dançar.

Por muito tempo, ela duvidou disso. Sentia-se envergonhada, pois todos em sua família sabiam fazer algo “legal”, fosse um desenho ou uma bonequinha de feltro. E ela? Qual era o seu talento? A resposta estava bem debaixo de seu nariz (quase literalmente), mas ela ainda não conseguia enxergar. Felizmente, graças ao apoio de sua família e, principalmente, ao K-pop, ela se descobriu.

E, já que estamos falando dele, o K-pop — que tanto mudou a vida de nossa protagonista — chegou a hora de explicar qual foi seu impacto nessa história.

Embora tenha conhecido o gênero por meio de sua irmã, ao se aprofundar mais nesse universo, descobriu que ele ia muito além de um simples idol, termo utilizado para designar aqueles que fazem toda a mágica acontecer. São eles que cantam, dançam e dão vida às performances, passando anos treinando canto, dança e até atuação, para que possam alcançar seu tão esperado *debut*, ou estreia.

Em 2012, a nossa protagonista já havia tido contato com esse gênero, mas não fazia ideia de como ou onde isso havia acontecido. Quando o cantor PSY lançou *Gangnam Style*, rompendo a bolha do K-pop — isto é, deixando de circular apenas entre aqueles que conheciam e consumiam o gênero e passando a ser consumido em larga escala, mundialmente —, ela dançava e repetia a música várias vezes, sem imaginar que, mais tarde, viveria muito mais do que apenas ouvir aquela canção que tanto ecoou em sua mente.

Foi então que, em 2017, que mais um grupo de artistas de K-pop, desta vez uma boyband (grupo formado apenas por garotos), romperia novamente essa bolha e colocaria o K-pop definitivamente no mapa mundial. O grupo BTS, formado por sete membros — Kim Namjoon (RM), Kim Seokjin, Min Yoongi (Suga), Jung Hoseok (J-Hope), Park Jimin, Kim Taehyung (V) e Jeon Jungkook — faria história ao lançar *DNA* naquele ano.

Ao pesquisar sobre o sucesso e a influência do pop coreano, ela descobriu que, segundo Marcelo de Assis (2014), o K-pop foi um dos primeiros gêneros musicais a aproveitar o poder da internet para se conectar com fãs ao redor do mundo, criando uma base global e engajada. Ainda assim, ela não concordava totalmente com essa afirmação.

Acreditava que, embora a internet tenha sido fundamental para ampliar o alcance do gênero, o K-pop tornou-se mundial por reunir dança, performance e música em um único lugar. Se observarmos, grandes artistas mundiais como Michael Jackson, Lady Gaga, Bruno Mars, Britney Spears, Justin Bieber e Backstreet Boys também uniam dança, performance e música. Contudo, para ela, o sucesso do K-pop vai além das performances, estando profundamente entrelaçado aos conceitos e às propostas de cada grupo, dupla ou solista.

Foi isso que encantou nossa protagonista. Foi isso que a motivou a se aventurar e se arriscar em quatro anos de faculdade na UFS (Universidade Federal de Sergipe). Ela queria não apenas aprimorar suas técnicas em dança, mas também compreender melhor o que o universo acadêmico tinha a oferecer. Partindo disso, é importante entender que todo conhecimento é uma bagagem. Para explicar essa ideia, ela recorre a um trecho do TCC de Lucas Manoel Gomes de Souza, *A Cópia Que Me Cria: um processo de aprendizagem através do K-pop*:

Para muitas pessoas, a dança só pode ser ensinada dentro de ambientes formativos como academias, escolas, cursos técnicos e cursos de graduação, entre outros, com critérios específicos de ensino. Porém, é importante destacar que existem outras formas de aprendizado em dança. Se, nos anos 1980, os videocliques se configuravam como uma instância de aprendizado não formal por meio das fitas de videocassete, na atualidade o que vem se tornando cada vez mais comum é o uso de aplicativos de vídeo e das mídias sociais (Souza, 2022, p. 37).

É graças a esse interesse em aprender as danças do K-pop que a busca pela formação acadêmica se torna essencial para o aprimoramento técnico, pessoal e profissional da protagonista. Felizmente, esta é uma história que está apenas começando. Ainda há muito para se contar sobre a garotinha de cabelos loiros e olhos claros, sobre a menina que, influenciada por seu novo gosto musical, resolveu colorir o cabelo diversas vezes, e sobre a protagonista corajosa que transformou um sonho infantil em seu propósito de vida.

Introdução

O K-pop, ou *Korean Pop*, tem se consolidado mundialmente como um fenômeno cultural de abrangência global, envolvendo música, dança, moda e comportamento. Sua popularização, especialmente no Brasil, gerou ampla adesão entre jovens que se tornam *idols* de K-pop em suas comunidades, isto é, pessoas que reproduzem coreografias e performances de grupos coreanos, seja em competições, em grupos amadores ou nas redes sociais. Em cidades como Aracaju, o K-pop tem sido particularmente celebrado como uma modalidade de dança, cujo exercício se dá, eminentemente, pela repetição de movimentos já estabelecidos por grupos consagrados, como BTS, BLACKPINK, EXO, entre outros. Esse fenômeno de reprodução de coreografias, embora empoderador e motivador para muitos jovens, levanta uma questão pertinente: se o K-pop, em Aracaju, é praticado principalmente por meio dos grupos *K-covers* e se baseia na repetição de coreografias criadas por artistas coreanos, quais são as razões que levam seus praticantes a buscar uma formação superior em Dança, considerando que essa prática não exige, a priori, uma formação acadêmica?

Pesquisar sobre o K-pop relaciona-se diretamente às razões que me conduziram à universidade, pois o acesso a uma formação em dança, seja ela formal ou não formal, ainda é bastante desafiador para grande parte da população brasileira, visto que a arte não é facilmente acessível a muitos sujeitos. Desse modo, retomo a ideia de que foi por meio da experiência com o K-pop em trabalhos escolares que me aproximei e me identifiquei com esse estilo, e tal vivência me motivou a cursar o ensino superior em Dança, ampliando minha relação com processos de aprendizagem inicialmente informais, vivenciados enquanto dançarina de K-pop.

Dessa forma, a presente pesquisa tem como objetivo analisar o K-pop em Aracaju, especialmente entre estudantes do curso de Licenciatura em Dança da

Universidade Federal de Sergipe, refletindo sobre as motivações para a prática desse estilo e identificando se a experiência com o K-pop influenciou a busca pela formação acadêmica em Dança.

O K-pop, gênero musical originário da Coreia do Sul que dialoga com diversas linguagens artísticas, como a dança, a performance, as artes visuais e a moda, conquistou grande popularidade global, configurando-se como uma das manifestações culturais mais relevantes da contemporaneidade entre as juventudes. O impacto dessa cultura sobre jovens e, em especial, sobre estudantes universitários, tem promovido novas formas de expressão artística e de integração entre culturas ocidentais e orientais, sobretudo no campo da dança. Contudo, a formação de grupos de K-pop fora da Coreia do Sul caracteriza-se, majoritariamente, pela reprodução de coreografias, performances e estilos já consagrados por artistas sul-coreanos.

Diante disso, torna-se pertinente tensionar o debate acerca da reprodução na dança e da formação em Dança, que amplia as perspectivas de um fazer dançante para além da cópia, possibilitando a experimentação artística por meio da pesquisa de movimento, de processos investigativos e de criação, em direção à construção de uma dança autoral.

A pesquisa caracteriza-se como uma pesquisa de campo do tipo descritiva, com abordagem qualitativa. A escolha dessa metodologia se dá por ser a que melhor se adequa ao problema proposto neste estudo. A pesquisa de campo busca compreender um determinado grupo por meio da observação e da realização de entrevistas, enquanto a pesquisa descritiva tem como finalidade apresentar as características de determinada população ou fenômeno, estabelecer correlações entre variáveis e definir sua natureza (Gil, 2008).

Considerando que a intenção desta pesquisa é compreender as motivações que levam fãs e dançarinos de K-pop na cidade de Aracaju a buscar formação em um curso superior de Dança, a abordagem qualitativa mostra-se a mais coerente, uma vez que não se pretende quantificar o fenômeno estudado, mas compreendê-lo e refletir sobre as experiências do grupo participante. Segundo Denzin e Lincoln (2006), a pesquisa qualitativa envolve uma

abordagem interpretativa do mundo, o que significa que seus pesquisadores estudam os fenômenos em seus contextos naturais, buscando compreendê-los a partir dos significados que as pessoas lhes atribuem.

Quanto aos procedimentos, foi realizada uma pesquisa bibliográfica em artigos e trabalhos acadêmicos disponíveis em bancos de dissertações e teses, utilizando plataformas como Google Scholar e SciELO, considerando o período a partir do ano em que o K-pop passou a ganhar maior visibilidade mundial até os dias atuais, bem como em revistas e sites específico, e pesquisa de campo com 5 estudantes e ex estudantes do curso de Dança, pertencentes ao universo do K-pop, por meio de questionário estruturado com questões abertas.

1. K-POP: que onda é essa

Já que começamos a descrever de que maneira o K-pop se consolidou na vida da nossa protagonista, nada mais justo que contextualizar de que maneira ele foi tomando forma a ponto de ter uma certa influência no perfil acadêmico/profissional da nossa menina.

O K-pop tem se tornado cada vez mais visível com o passar dos anos, prova disso são os consumos em massa ao redor do mundo de produtos coreanos, seja de beleza ou de entretenimento: como é o caso dos dramas coreanos.

A ascensão do K-pop no Brasil veio por volta dos anos 2000, trazendo consigo o Hallyu ou “Onda Coreana”, onde o governo Sul Coreano uniu: música, moda, gastronomia, filmes e séries em um só movimento. Que segundo Mesquita (2024), a movimentação surgiu como um esforço da Coreia do Sul para revitalizar e exportar sua cultura após décadas de ditadura militar encerrada no final dos anos 1980. Destacando programas de TV, música, cinema e moda, a Hallyu ganhou força inicialmente ainda no oriente, na China, no Japão e na Tailândia entre as décadas de 1980 e 1990.

Força essa não somente por causa do K-pop, mas por conta do surgimento dele. No início da década dos anos 90 surge o que é conhecido como

a primeira *gen*¹ ou primeira geração do K-pop (1992-2003) tendo como grupo mais marcante o *Seo Taiji and Boys*. Grupos como o *Super Junior*, *Girls Generation*, *BIGBANG*, *Wonder Girls* e *2NE1*, que marcaram a segunda geração (2003-2012).

Mas é a partir da terceira geração (2012-2018) que o K-pop tem os grandes maiores grupos ativos da indústria como: *Bangtan Sonyondan* conhecido mundialmente como *BTS*, *BLACKPINK*, *TWICE*, *EXO*, que segundo o site: Maiores e Melhores (2025), os colocam no top 4, entre os 28 grupos mais famosos da atualidade (<https://www.maioresemelhores.com/grupos-k-pop-mais-populares/>)

O impacto do Hallyu enquanto *Soft Power*, conceito criado por Joseph Nye, onde detém a ideia de: “capacidade de um país de persuadir outros a fazer o que ele quer sem força ou coerção” (NYE, 1990), tem se mostrado firme desde que o K-pop ganhou visibilidade mundial, tendo um aumento significativo socioeconômico na Coreia do Sul, através do turismo e consumo de produtos Sul coreanos, dentre eles a gastronomia (Souza, 2024; Souza, 2022).

2. Juventudes e midiatização

Com o breve crescimento mundial do K-pop, no Brasil seu surgimento veio como nos demais países ao redor do mundo, através das plataformas digitais como: Youtube, Orkut e Facebook, facilitando o acesso ao consumo da midiatização entre os jovens. O K-pop teve seu primeiro marco no Brasil com o lançamento do fenômeno Gangnam Style do cantor PSY, lançado em 2012, que atualmente conta com 5,7 Bilhões de visualizações no Youtube, sendo um dos primeiros a transcender o K-pop para a Europa e o Ocidente. Com o surgimento das plataformas digitais o consumo da cultura sul coreana se intensificou, a procura pelos Mv's e os K-dramas em plataformas como o Rakuten Viki (aplicativo de stream onde contém grande parte dos dramas asiáticos), destacou o aumento de acesso a esses tópicos englobados no Hallyu (Andreoli, Fernandes, 2021).

¹ Gen abreviação para Generation, palavra vinda do inglês traduzindo para Geração.

Isso nos traz de volta a lembrança da nossa protagonista, que sempre ficava eufórica quando surgia alguma publicação na sua rede social sobre audição global principalmente quando se tratava da Big3, que é como o *fandom*² chamam as 3 maiores empresas de entretenimento da Coreia: a SM Town (empresa do EXO), a YG Entertainment (empresa do BLACKPINK, fundada pelo ex-membro do Seo Taiji and Boys) e JYP Entertainment (empresa do TWICE).

Por vários anos se mantiveram no topo por gerenciar os maiores modelos, atores e principalmente os maiores grupos de K-pop desde a 1ª geração do K-pop que começou nos anos 90 até os dias atuais. No entanto esse reinado foi se dissipando a partir do momento em que um único grupo que começou em uma empresa falida, antes conhecida como BigHit Entertainment agora como Hybe Entertainment, desbancou as grandes Big3 com apenas um grupo de sucesso: o BTS. Que segundo o site KoreaIN:

Os números registrados pela **BigHit Entertainment** fizeram da empresa uma das mais ricas no cenário musical coreano, ultrapassando o lucro total das três grandes companhias coreanas em 2018: **SM Entertainment** (US\$1.36 bilhões de dólares norte-americanos), **JYP Entertainment** (US\$787.79 milhões de dólares norte-americanos) e **YG Entertainment** (US\$491.95 milhões de dólares norte-americanos). (<https://revistakoreain.com.br/2019/08/big4-bighit-atinge-o-patamar-das-maiores-empresas-de-entretenimento-coreano/KoreaIN>)

Assim como os K-dramas, novelas coreanas conhecido no Brasil como dorama e os grupos de K-pop, a maquiagem coreana também se tornou referência mundial. Além disso, as rotinas de skin care muitas vezes mostradas nos doramas virou febre entre os jovens, principalmente quando um dos seus Idols aparecia mostrando não só a sua rotina de skin care, mas seu estilo, cor de cabelo e até mesmo sua preferência em certos alimentos. É por meio destas postagens em redes sociais que muitos jovens criavam e criam sua identidade através da influência de seus artistas favoritos. Segundo Lilly (2025), ela comenta que:

Os fãs, inspirados por seus ídolos favoritos, incorporam elementos do universo K-Pop em seu cotidiano, adotando roupas, cortes de cabelo, maquiagem e acessórios que refletem as tendências lançadas pelos

² A palavra “**fandom**” vem da junção de *fan* (fã) + *dom* (domínio, comunidade), e significa basicamente: um grupo de fãs que compartilham um interesse em comum por algo ou alguém como uma banda, um artista, uma série, livro, filme, jogo etc. Assim como no pop, no K-pop seus fãs têm um nome exclusivo para serem chamados. Exemplo: Fãs do BTS – Army, Fãs das Lady Gaga – Little Monsters, Fãs do BLACKPINK – Blink etc.

artistas. Essa influência vai além do entretenimento, criando uma conexão entre moda, estilo de vida e autoexpressão (Lilly, pseudônimo de um blog postado em: 1 fev. 2025, <https://dicas2eideias.com/2025/02/01/a-influencia-do-kpop-na-moda-e-cultura-juvenil/>)

Com a midiatização, o impacto do K-pop em terras brasileiras recai não somente entre os produtos online como filmes, séries e músicas, mas agora também na popularização dos artigos físicos. Vale ressaltar que a tendência no K-pop vai muito além de um corte de cabelo ou uma maquiagem, o K-pop além das músicas, foi criado para globalização de produtos de seus Idols. Dentre eles estão: os álbuns e o *lightstick*³. Alguns grupos tiveram impacto na evolução do K-pop criando tendências entre o gênero, como:

Imagem 1 - Super Junior: Primeiro grupo com membros estrangeiros



Fonte: Pinterest

Super Júnior: primeiro grupo de K-pop com estrangeiros. “Enquanto os demais cantores no K-pop eram coreanos, Super Júnior inovou ao adicionar integrantes chineses à formação” (Jesus, 2022)

³ Lightstick é o termo em inglês utilizado para se referir a um **bastão luminoso**, que geralmente carrega a cor e símbolo de um grupo ou artista específico.

Imagem 2 - Shinee: Primeiro grupo a gravar um Dance Practice



Fonte: Google Imagens

O Shinee: Primeiro grupo de K-pop que cria o Dance Practice⁴, segundo (Jesus, 2022, s/p) “A grande sacada dos *dance practices* é mostrar a coreografia em um ângulo que dê para ver todos os integrantes, já que os *music shows* focam mais rostos e visuais.”

Imagem 3 - BIGBANG: Primeiro grupo a criar o Lightstick

⁴ Refere-se à prática de dança que pode incluir coreografias e atividades de dança em grupo.



Fonte: Pinterest

Conhecido como *Bangbong*, o primeiro *lightstick* do K-pop é amarelo, tem o formato de uma coroa e foi desenhado por G-Dragon, líder do BIGBANG. A ideia era diferenciar, definitivamente, os fãs do grupo com o fandom de outros artistas — já que o sistema de “cores oficiais” dos fã-clubes podia confundir algumas pessoas. (Jesus, 2022).

Imagem 04 - Girls Generation: Primeiro grupo a criar o photocard⁵



Fonte: Site Café com Kimchi

Em 2010, o grupo feminino da SM Entertainment lançou o segundo álbum completo intitulado “**Oh!**”, que além do CD e algumas imagens, veio com nove

⁵ Um photocard é, como o próprio nome sugere, um pequeno cartão com uma selfie de um idol.

pequenos cartões com fotos de cada integrante, todos autografados e com uma mensagem curta. (Jesus, 2022).

Alguns desse itens criados com intuito de causar nos fãs a ansiedade de qual seria o próximo cabelo colorido que apareceria no comeback⁶, ou qual artista viria no photocard no álbum físico e até mesmo quando o dance practice seria lançado para que os fãs pudessem reproduzir suas coreografias eletrizantes e animadas das canções recém-lançadas de seus artistas favoritos. Tendências essas que transformaram o K-pop no que ele é hoje: único. Diferente do pop ocidental por exemplo, o K-pop investe em conceito de cada grupo como uma forma de alcançar certos tipos de público, identidade visual do artista, até mesmo a era em cada comeback.

A grande diferença entre os dois está no modelo de produção: enquanto o pop ocidental muitas vezes dá liberdade criativa aos artistas, o K-pop é orquestrado por grandes empresas que cuidam de cada detalhe — do estilo à coreografia, passando por agenda, imagem e até postura pública (Esperatti, 2025, s/p).

O impacto da midiatização com auxílio das plataformas digitais, fez com que o K-pop chegasse até a cidade de Aracaju-SE, onde nossa querida protagonista reside. Com o passar dos anos o K-pop foi ganhando espaço entre o público jovem e adulto desta pequena cidade no estado de Sergipe, espaço esse que à medida que crescia em visibilidade e como diz o ditado “estava na boca do povo”, surgiram diversos eventos voltados a comunidade Kpopper. Como eventos públicos em que os fãs pudessem se reunir e trocar experiências, comprar itens personalizados de seus artistas e conhecer outras pessoas que fizessem parte dessa comunidade.

IMAGEM 5 – Grupo K-Cover de Aracaju-SE: INCEPTION

⁶ Palavra vinda do inglês, traduzida para português como retorno. No caso do K-pop um comeback pode ser através do lançamento de uma nova música.



Fonte: Victoria Matos, integrante do grupo

A prova desse impacto é que a Orquestra Sinfônica de Sergipe está fazendo a sua primeira edição do K-Symphony, evento voltado ao público que se interessa a cultura sul coreana, com músicas de K-pop e dos dramas coreanos, que, segundo o site O Coerente (2025), o idealizador do projeto e contrabaixista Jair Maciel explicou que a ideia surgiu a partir das conversas com seus alunos adolescentes, quando percebeu o forte interesse deles pela música coreana, especialmente K-pop e trilhas de doramas. É dessa forma que as gerações atuais, enxergam o K-pop, como era para a época da geração Millenium com o Backstreet Boys ou Michael Jackson, por exemplo.

3. O K-pop como espaço de ensino-aprendizagem

É possível analisar o K-pop como uma prática pedagógica não institucionalizada, na qual o corpo, a mídia e a cultura juvenil tornam-se centrais na construção do conhecimento.

Souza (2022) compreende a juventude como um sujeito ativo na produção cultural, que aprende e ensina por meio de experiências coletivas mediadas

pelas tecnologias digitais. Para o autor, os espaços informais de aprendizagem — como redes sociais, fandoms e grupos de dança — funcionam como verdadeiros ambientes pedagógicos, nos quais os jovens constroem saberes a partir da experimentação, da troca e da autoria.

Nesse sentido, o K-pop opera como um currículo cultural, pois apresenta códigos estéticos, narrativas e performances que são apropriados, reinterpretados e ensinados entre pares. Tutoriais, vídeos de “dance practice”, covers e challenges no TikTok e YouTube tornam-se recursos didáticos, nos quais os próprios fãs assumem o papel de mediadores do conhecimento.

Andreoli e Fernandes (2021) reforça essa ideia ao afirmar que as culturas juvenis produzem formas próprias de aprendizagem, baseadas na experiência sensível, no compartilhamento e na corporeidade. Para os autores, aprender não se limita à assimilação de conteúdos, mas envolve o corpo como linguagem, memória e produção de sentido. No K-pop, a coreografia não é apenas um elemento estético, mas um dispositivo pedagógico que ensina ritmo, disciplina, expressão corporal e trabalho coletivo.

Um dos principais aspectos do processo de ensino-aprendizagem no K-pop é a centralidade do corpo. Souza (2024) destaca que o corpo, nas culturas juvenis, é um espaço de resistência, criação e comunicação. Ao aprender uma coreografia de K-pop, o sujeito não apenas reproduz movimentos, mas internaliza valores, gestos, emoções e identidades.

Andreoli e Fernandes (2021) complementam ao afirmar que a dança funciona como uma forma de conhecimento sensível, que articula razão, emoção e experiência. Nesse processo, o corpo aprende por repetição, observação, escuta e adaptação, configurando uma pedagogia baseada na prática e na convivência.

Assim, o ensino-aprendizagem no K-pop ocorre por meio de observação de performances; repetição e treino coletivo; correção entre pares; uso de mídias digitais como suporte pedagógico e construção de pertencimento a grupos e fandoms.

Outro ponto central é o caráter colaborativo desse processo. Souza (2022) afirma que as práticas culturais juvenis são marcadas pela horizontalidade, na qual não há um professor fixo, mas sujeitos que alternam entre ensinar e aprender. No K-pop, isso se manifesta nos grupos de cover, onde cada integrante contribui com saberes específicos, como técnica, expressão, figurino ou edição de vídeos.

Essas práticas também são espaços de construção identitária, pois os jovens se reconhecem e se afirmam por meio do corpo, da estética e da coletividade. O K-pop, portanto, não ensina apenas passos de dança, mas formas de estar no mundo, de se expressar e de se relacionar.

Eventos públicos e ao ar livre despertam a curiosidade e gera um alcance em quem os observa de fora, além de criar conexão entre os membros da comunidade, e isso que o é frente entre a comunidade do K-pop.

Na cidade de Aracaju, existem eventos como o “K-pop In Public”, onde os fãs possam se divertir com o “Random Play Dance” que basicamente se resume em recortes dos refrões das músicas de K-pop em que o pessoal se junta em uma roda e aquele que souber a música vem para o centro e dança. Ou até mesmo um grupo de fãs se reúnem para que possam reproduzir os filmes que as empresas fazem de algumas turnês dos artistas no cinema.

Essa conexão muitas vezes vai muito além, onde os fãs formam grupos de K-cover⁷ para que possam participar de competições de dança, publique em plataformas digitais como o Youtube e o Instagram suas performances, e claro acima de tudo se divirtam fazendo aquilo que gosta. Práticas como essa começam a ser voltadas a Educação Informal, como: método de aprendizado, nível de experiência e aproveitamento do espaço público.

Através do aprendizado informal, os dançarinos têm a oportunidade de experimentar diferentes estilos e abordagens, explorar sua criatividade e desenvolver seu próprio estilo. Além disso, o aprendizado informal da dança é

⁷**K-cover** refere-se a grupos ou indivíduos que imitam coreografias e estilos de artistas de K-pop. Esses grupos se apresentam em eventos e competições, muitas vezes como uma forma de expressão artística e de aceitação corporal.

uma forma de inclusão social, permitindo que pessoas de diferentes idades, origens e habilidades participem e se expressem por meio da dança (Andreoli e Fernandes, 2021).

A educação informal em dança seria, [...] uma educação que não tenha um cronograma ou uma intenção definida, e, sim que é ensinada ou aprendida de modo assistemático, casual (Araújo, 2021, p. 64).

Neste sentido, a rua, a praça, em baixo dos viadutos vira palco para sociabilidades, em que as culturas das juventudes por meio da informalidade partilham sentidos, saberes, fazeres mesmo que direcionados pela indústria de massa, ressignificando modelos e traduzindo em seus corpos outras culturas, que somente o lugar da gratuidade permite, visto que acessar a educação formal em Dança ainda é privilégio para poucos.

A crítica sobre esse processo de ensino-aprendizagem, está no fato da reprodução dessas danças realizadas por jovens de todos os continentes. Interessante se faz questionar se todos os processos formais de Dança favorecem processos de investigação e criação, visto que técnicas tradicionais de dança se pauta na maioria das vezes pela repetição, pelo espelhamento.

O K-pop apesar de ser um gênero musical inspirado em Pop, jazz, Hip-Hop, R&B e Eletrônico, tem uma maneira única de existir no universo do entretenimento. Sua principal característica é o envolvimento da dança em suas criações, o que abre espaço para a reprodução, e quem a reproduz?

É óbvio que no contexto do K-pop os fandoms são os primeiros a reproduzi-la, se tratando de seu artista favorito ou não, na sua grande maioria o interesse surge também da dificuldade dos movimentos de cada coreografia.

O que abre espaço novamente para a recriação desses movimentos, mas quem o faz? Felizmente quando falamos de dança recriação, abrimos espaço a qualquer pessoa que se impulsione a recriar o movimento. Isso vale para: coreógrafos, bailarinos, dançarinos de rua etc. Cada um tem a sua própria bagagem, portanto cada recriação se torna única a partir disso.

No entanto, o K-pop continua sendo movido pela lógica da indústria cultural. Indústria essa que o usa para consumo, desde os conceitos de cada

“Era” de um determinado grupo, até mesmo ao modelo da coreografia. O que muitas vezes acabam indo além do que seria humanamente saudável para os artistas. Segundo a revista Rolling Stone comenta que de acordo com a professora de estudos coreanos na UNCLA, Suk-Young Kim comenta:

O K-pop é visto como um negócio de sangue frio pelas empresas de entretenimento. A principal preocupação dessas empresas é vender a maior quantidade de produtos que atraem o maior número de consumidores para o máximo lucro. Mesmo que isso implique em questões éticas (Revista Rolling Stone, 2019).

Ou seja, tudo é feito para que seja atrativo para novos consumidores em potencial. Isso diz muito sobre como a indústria do K-pop, que é ardilosa nesse sentido, aquilo que faz sucesso torna-se o carro chefe da vez. Como foi o caso da música Dynamite do BTS em 2020. Música feita pela primeira vez completamente em inglês, com várias referências ao rei do pop Michael Jackson, veio com uma estética colorida e voltada a época da discoteca.

A música não só rendeu top1 na Billboard Hot 100 por mais de duas semanas consecutivas, mas também deu o *start* para que a indústria fizesse que seus artistas lançassem Mv's nessa estética, como MAGO do grupo Gfriend.

A nova aposta do BTS vem na mesma toada de sempre, com um single dançante e referências explícitas ao Rei do Pop e a reprodução de movimentos de dança clássicas do artista morto em 2009 (Revista Marie Claire, 2020).

O público mais envolvido é o jovem. E na maioria das vezes os mais afetados. Anteriormente, foi citado como o K-pop tem influência sobre a identidade, gostos e até o visual de uma pessoa, mas essa influência, no entanto pode ser vista de maneira ruim quanto passa dos limites, num processo massificante e de alienação desses jovens consumidores em potencial. Esse público tende a ser o que mais consome o K-pop no geral, o que acaba se estendendo para o Hallyu.

4. O que dizem os Kpoppers do curso de licenciatura em Dança na UFS?

A partir daqui serão introduzidos diálogos feitos com estudantes em formação e/ou graduados no curso de Licenciatura em Dança da UFS. Para manter a descrição e os direitos autorais vou utilizar apenas a primeira inicial e o sobrenome para cada entrevistado desta pesquisa. As entrevistas foram realizadas através de questionário enviado via Whatsapp e Instagram com os estudantes que vivem o universo da cultura do K-pop.

Em relação ao primeiro contato com o K-pop, as entrevistas revelam que ocorre majoritariamente na adolescência, entre 11 e 15 anos, mediado por diferentes dispositivos culturais: Internet e plataformas digitais (YouTube); redes de amizade e ambiente escolar e mídia impressa juvenil.

Esse dado evidencia que o K-pop chega aos entrevistados como um fenômeno cultural globalizado, acessível e fortemente ligado às culturas juvenis, funcionando como porta de entrada para a dança antes mesmo de um contato formal com instituições de ensino.

Quando perguntado como se sentem ao dançar o K-pop, a pesquisa se revela como uma experiência corporal e afetiva.

Os discursos apontam o K-pop como um espaço de prazer, pertencimento e experimentação corporal. Termos como “me sinto bem”, “acolhida”, “livre” e “animado” aparecem com frequência, indicando que a dança K-pop não é percebida apenas como reprodução coreográfica, mas como prática significativa.

Além disso, os entrevistados reconhecem o K-pop como um estilo híbrido, que articula diferentes técnicas e modalidades de dança (jazz, danças urbanas, vogue, etc.). Essa diversidade é compreendida como um fator positivo, capaz de ampliar o repertório corporal e criativo dos dançarinos.

A influência do K-pop na decisão de ingressar no curso de Dança não se manifesta de forma homogênea, visto que para dois entrevistados (V. Santos e T. Santos) o K-pop teve papel direto, despertando o desejo de aprofundamento técnico e profissional. Já para um dos participantes da pesquisa (M. Oliveira), o impacto foi indireto, mediado por relações sociais e incentivos de pessoas ligadas ao curso, porém houve um movimento inverso para um dos entrevistados

(V. Emanuel), para ele o curso de Dança amplia o contato e o engajamento com o K-pop, especialmente através do universo do K-cover, mas esta não foi a razão que a fez cursar Dança.

Esse conjunto de respostas indica que o K-pop pode atuar tanto como gatilho inicial quanto como campo de aprofundamento posterior, dependendo da trajetória individual.

Em relação as transformações provocadas pela formação acadêmica em Dança, todos os entrevistados afirmam que a formação acadêmica modifica profundamente a maneira de pensar e dançar o K-pop, destacando aspectos como: desenvolvimento da consciência corporal; maior atenção à técnica, finalização e dinâmica do movimento e a compreensão do corpo para além da simples cópia.

A fala de um dos entrevistados (T. Santos) é especialmente significativa ao problematizar o corpo do dançarino cover como “corpo espelho”, que inicialmente busca replicar qualidades e sentimentos dos grupos originais, mas que, a partir da formação acadêmica, passa a ser compreendido como um corpo criativo, potente e capaz de ir além da reprodução.

Outro eixo importante é a relação entre K-pop e formação docente. Dois participantes da pesquisa (M. Oliveira e V. Emanuel) evidenciam que a licenciatura em Dança contribui diretamente para a organização e planejamento das aulas, para a preparação corporal dos alunos e para a reflexão crítica sobre narrativas, contextos culturais e políticos do K-pop.

Nesse sentido, o K-pop deixa de ser apenas um produto midiático para se tornar objeto de ensino, exigindo mediação pedagógica, responsabilidade técnica e reflexão crítica, alinhando-se aos princípios da formação em Dança. Este dado converge com a pesquisa realizada por Valle e Dantas (2024), que chamam atenção para a contribuição da formação superior em Dança, no sentido de ampliar a compreensão sobre o fenômeno do K-pop, não no sentido de ensinar a dançar, mas de contribuir com a formação e percepção crítica dos estudantes diante dessa cultura.

A análise das entrevistas demonstra que, embora o K-pop influencie cada entrevistado de maneira distinta e em diferentes intensidades, ele se configura como um importante mediador entre experiência pessoal, formação acadêmica e atuação profissional.

As relações entre técnicas corporais, gêneros musicais, gostos pessoais e formação universitária constroem trajetórias singulares, fazendo de cada dançarino e futuro professor de Dança um profissional único. Essas experiências, por sua vez, ampliam o alcance da Dança enquanto área de conhecimento, incentivando outras pessoas a buscarem formação e aprimoramento técnico, seja a partir do K-pop ou de outras linguagens.

Considerações finais

É possível compreender o K-pop como um potente espaço de ensino-aprendizagem, no qual cultura, corpo e mídia se articulam na produção de conhecimentos. Trata-se de um processo que ocorre de forma informal, colaborativa e sensível, rompendo com modelos tradicionais de ensino e valorizando a experiência dos sujeitos.

O K-pop revela-se não apenas como entretenimento, mas como prática pedagógica contemporânea, capaz de ressignificar a aprendizagem por meio da arte, da coletividade e da cultura digital.

A formação superior em Dança surge, para praticantes de K-pop, como um espaço de ampliação de repertório, reflexão crítica e experimentação criativa. Ao contrário de abandonar o K-pop, muitos estudantes buscam na universidade ferramentas teóricas e práticas que permitam ressignificar essa experiência, deslocando-a da reprodução para processos autorais de criação em dança.

Assim, o K-pop não se configura como um obstáculo à formação acadêmica, mas como um ponto de partida que desperta o interesse pela dança, pela docência e pela pesquisa artística, bem como um convite ao corpo docente a se aproximar das culturas das juventudes, ampliando a sua forma de ensinar e o seu conteúdo de/em dança diante da contemporaneidade.

REFERÊNCIAS

- ANDREOLI, Giuliaano Souza; FERNANDES, Braci. O Aprendizado informal da Dança K-pop: juventude, transculturalidade e performances de gênero. **Rev. Da Fundarte**. Montenegro. ano 21. n. 45. jun 2021.
- ARAÚJO, Christiane. **A Dança na disciplina de Arte: Transposição entre as linguagens artísticas**. Campo Grande-MS: Life Editora, 2021.
- DENZIN, N. K. e LINCOLN, Y. S. Introdução: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: DENZIN, N. K. e LINCOLN, Y. S. (Orgs.). **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Editora Atlas S.A, 2008.
- OLIVEIRA, Bruna de. **Como o K-pop pode ser um meio para o ensino de conhecimento em Dança (TCC)**. Curso de Licenciatura em Dança. Campinas-SP: Unicamp, 2022.
- SOUZA, Elisama Mesquita. **O papel dos múltiplos Stakeholders na cocriação de valor do turismo a partir do fenômeno Hally (onda coreana) enquanto estratégia do soft power** (dissertação). Escola de Arte da USP-USP, São Paulo, 2024.
- SOUZA, Lucas Manoel Gomes de. **A cópia que me cria: um processo de aprendizado em dança através do K-POP**. (Monografia). Universidade Federal do Ceará – Curso de Licenciatura em Dança, 2022.
- VALLE, Flávia Pilla do; DANTAS, Mônica Fagundes. **Dança, Tecnologia e Educação: K-pop e a reverberações na graduação**. **Ver. Rascunhos**. Uberlândia: v. 11, n. 1, ago-dez 2024.

SITES CONSULTADOS

ESPERATTI, Luana. **Pop x K-pop: quais são as diferenças e por que o fenômeno coreano conquistou o mundo?** (2025). Disponível em: <https://conectageek.com.br/pop-x-k-pop-quais-sao-as-diferencas-e-po-que-o-fenomeno-coreano-conquistou-o-mundo/> Acesso em: 01 out. 2025.

JESUS, Nathalia. **Quem fez primeiro? Conheça as tendências no K-pop e os grupos que as criaram** (2022). Disponível em: <https://www.cafecomkimchi.com.br/pst/quem-criou-kpop-tendencia-grupos> Acesso em: 01 out. 2025.

KOREAIN. **BIG4? BIGHIT atinge o patamar das maiores empresas de entretenimento coreano.** (2019). Revista KoreaIN. Disponível em: <https://revistakoreain.com.br/2019/08/big4-bighit-atinge-o-patamar-das-maiores-empresas-de-entretenimento-coreano/> Acesso em: 01 nov. 2025.

LILLY. **A Influência do K-Pop na Moda e Cultura Juvenil** (2025). Disponível em: <https://dicas2eideias.com/2025/02/01/a-influencia-do-kpop-na-moda-e-cultura-juvenil/> Acesso em: 30 set. 2025.

MAIORES E MELHORES. **Os 28 grupos de K-pop mais populares.** (2025). Disponível em: <https://www.maioresemelhores.com/grupos-k-pop-mais-populares/> Acesso em: 01 nov. 2025.

MATHIAS, Letícia B. **Política Externa Sul-Coreana – O Hallyu enquanto política de Estado estratégica de Soft Power** (2023). Disponível em: <https://relacoesexteriores.com.br/politica-extrema-sul-coreana-o-hallyu-enquanto-politica-de-estado-estrategica-de-soft-power/> Acesso em: 30 set. 2025.

MESQUITA, Pietra. **O que é o Hallyu?** (2024). Disponível em: <https://www.acidadeon.com/tudoep/tudo-cult/o-que-e-a-hallyu/>. Acesso em: 30 set. 2025.

NYE, Joseph S. **Soft Power.** Foreign Policy, no. 80, 1990, pp. 153–71. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/1148580?origin=crossref> Acesso em: 30 set. 2025.

O coerente. Orquestra Sinfônica realiza concerto ‘K-Symphony’ dedicado à música sul-coreana e encanta público (2025). Disponível em: <https://ocoerente.com.br/se/2025/09/12orquestra-sinfonica-realiza-concerto-k-symphony-dedicado-a-musica-sul-coreana-e-encanta-publico/> Acesso em: 04 out. 2025.

PALCOCOMMÚSICA. A importância do aprendizado formal e informal da dança (2023) Disponível em: <https://palcocommusica.com.br/a-importancia-do-aprendizado-formal-e-informal-da-danca/> Acesso em: 04 out. 2025.

REVISTA Rolling Stone. K-pop: O lado sombrio dessa indústria colorida e feliz. (2019). Disponível em: <https://rollingstone.com.br/noticia/k-pop-o-lado-sombrio-dessa-industria-colorida-e-feliz/> Acesso em: 07 nov. 2025.

REVISTA Marie Clarie. BTS lança "Dynamite", 1º single em inglês, com referências a Michael Jackson. (2020). Disponível em: <https://revistamrieclarie.globo.com/Cultura/noticia/2020/08/bts-lanca-dyamite-1-single-em-ingles-com-referencias-michael-jackson.html> Acesso em: 07 nov. 2025.

ENDEREÇOS DAS IMAGENS

IMAGEM 1 - Super Junior: <https://pin.it/i/1I7ckQn7L/>. Acesso em: 01 out. 2025.

IMAGEM 2 - Shinee Dance Practice: <https://sl.bing.net/jRwe47vO3ga>. Acesso em: 01 out. 2025.

IMAGEM 3 - Lightstick BigBang: <https://pin.it/i/1zoiOJSfT/>. Acesso em: 01 out. 2025.

IMAGEM 4 - Girls Generation photocard: <https://www.cafecomkimchi.com.br/pst/quem-criou-kpop-tendencia-grupo>

Acesso em: 01 out. 2025.

IMAGEM 5 – ICEPTION: blob:<https://web.whatsapp.com/f09f4ac6-3bff-4944-a409-c9d34e747ebf> C:\Users\larii\Downloads\WhatsApp Image 2026-01-27 at 00.12.11.jpeg Acesso em: 26 jan. 2026.